



FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; SEVERINO, Antonio Joaquim. (Org.). Conhecimento, Pesquisa e Educação. Campinas, SP: Papirus, 2001. (Série Cidade Educativa). v. 01. 175 p.

O Conhecimento da Pesquisa em Educação com vistas à Cidadania: Novas Possibilidades para a Formação Docente

O livro *Conhecimento, Pesquisa e Educação*, é uma ação desdobrada do Grupo de Trabalho de Pesquisa e Pós Graduação do I Congresso Paulista de Formação de Professores de Águas de São Pedro, que criou um fórum permanente de reflexão, relacionado à pós- graduação e à pesquisa educacional, para possibilitar uma participação mais enriquecedora em outros fóruns, estaduais ou nacionais. Intitulado como Fórum Paulista de Pós-Graduação em Educação (FPPGE), iniciou suas atividades em 1990, como uma entidade corporativa, que objetivava a construção do conhecimento no campo educacional através da pesquisa e da aplicação dos seus resultados na formação de profissionais da educação. O FPPGE reúne docentes e discentes vinculados aos programas de pós-graduação da área, do estado de São Paulo. Busca contribuir com as demandas levantadas nos diferentes plenários. Seus registros, configurados em atas, revelam discussões sobre questões estruturais e organizacionais dos programas, encaminhamento de sugestões a políticas públicas de pós-graduação em educação, além das temáticas emergentes da pesquisa, desde o seu incentivo, sua socialização, bem como a construção de novos aportes. Esta edição é apresentada pelos seus organizadores, como um estímulo que pretende expressar e valorizar a interação triangular existente entre conhecimento, educação e cidadania, através de um grupo de pesquisadores/professores que escreve sobre o eixo temático "Construção do conhecimento e o impacto nos diversos aspectos da educação". Baseiam-se em reflexões teóricas, em experiências ou em resultados de pesquisas. Lourdes Marcelino Machado, em *A crise anunciada* (carta aberta a quem interessar possa) opta, como pesquisadora, por escrever sua palavra como cidadã comum, que se sente desconfortável na sociedade brasileira, frente à crise educacional. Através da reflexão sobre algumas histórias selecionadas da sua vida e, de um "passado que não passa," mostra-nos a relação contraditória entre os efeitos sociais de um projeto cruel de desenvolvimento e de sociedade, voltado para a internacionalização da economia e o imobilismo da atividade político-partidária brasileira. Denomina de "resistência lúcida" o exercício de cidadania que tem feito, com a intenção de desvelar a realidade, os rumos da política nacional; projeta-se nesse cenário como formadora de consciência crítica, a ser possibilitada pela educação política e conclama pesquisadores e cidadãos para assumirem o seu papel político por inteiro. Rinalva Cassiano Silva, com o título *O Fórum Paulista de Pós-Graduação em Educação: Uma Experiência desafiante*, conta a história do FPPGE e acrescenta à apresentação dos organizadores, o processo vivido a partir do I Congresso pelo grupo iniciante, formado por dois representantes de cada programa, professores e coordenadores da Unicamp, Unesp, UFsCar, USP e PUC-SP, Unimep e Mackenzie. Desde 1990 discutem sobre a socialização do conhecimento produzido, a relação entre a pós-graduação stricto sensu e a lato sensu, a amplitude da pesquisa em educação, o relacionamento entre programas de pós-graduação e departamento; a integração da universidade com a rede pública de ensino fundamental e médio; os núcleos temáticos, linhas de pesquisa ou área de concentração; a seleção de candidatos ao programa; os problemas em metodologia de ensino e do trabalho científico, com a vinculação ensino-

pesquisa; Capes e os programas de pós-graduação em Educação e os mestrados de Administração de Empresas de natureza profissionalizante, dentre outros. A autora traz informações sobre as publicações do Fórum. O livro *Pensando a pós-graduação em educação*, lançado pela editora da Unimep (BICUDO, 1993) contém trabalhos apresentados no I Congresso Paulista de Formação de Educadores. A partir de 1999, passa a ser coordenado pelas professoras Ivani Fazenda (PUC/SP), Lourdes Marcelino Machado (Unesp) e o professor Antônio Joaquim Severino (USP). Fez-se um redirecionamento do trabalho, que apresenta nova metodologia de produção coletiva. Saíram da pauta os problemas burocráticos a serem discutidos dentro dos próprios programas e configuraram o Fórum como um lócus de debate acadêmico sobre as necessidades emergentes que sejam do interesse dos programas paulistas de pós-graduação em educação.

A *Construção do Conhecimento nos Cursos de Pós-Graduação em Educação: Integração Mestrado/Doutorado* é o texto que Ivani Catarina Arantes Fazenda elabora sobre a sua experiência como orientadora de mestrado e doutorado, em parcerias diversas com seus pares teóricos, pares na profissão docente e orientandos, no contexto da Interdisciplinaridade.

Salienta a década de 90 e a qualifica como um tempo produtivo em relação ao trabalho da academia na pós-graduação no Brasil. Teve como fator decisivo o próprio processo de elaboração do conhecimento, possibilitado pela abertura de diversos locus de discussão, com a participação dos seus integrantes e com a publicação para a socialização da produção. Sobre a integração mestrado/doutorado percorre a triplíce abordagem: "Investigando as raízes da integração como proposta", retoma seus trabalhos da década de 70 e revê conceitos de integração (nível do conhecimento) e interação (co-participação entre as pessoas), em suas distinções alicerçadas na mutualidade dialética. Foi preciso percorrer novos caminhos para a ciência, ver as questões da subjetividade presentes na totalidade do contexto e ausentes nas possibilidades restritivas do fazer ciência em educação. Se nesses 30 anos alguns desafios estão sendo ultrapassados, outros ainda permanecem e novos se apresentam, como a limitada experiência de troca e compreensão teórica para a constituição da intersubjetividade, e de uma nova epistemologia para as ciências humanas e a educação. A organização das disciplinas também é outro foco para um novo sentido, tanto para desconstruir o seu conceito e reconstruí-lo, para ultrapassar os obstáculos já constatados.

Conclui que, a integração mestrado/doutorado depende do sucesso da prática dialógica, para ultrapassar barreiras existentes na integração entre conhecimentos e na interação entre pessoas. Valoriza a parceria que se efetiva em um projeto comum. "Explorando o contexto da integração mestrado/doutorado", recorre ao trabalho do professor Mezan intitulado "O minimalismo no mestrado" (1995), em que ressalta a importância de um mestrado entendido como "algo valioso para a comunidade mais ampla", que demanda esforço e investimento, ao mesmo tempo que possibilita diversas aprendizagens contidas nas ações de discriminar, de criticar consistentemente, de montar um argumento e seguir suas implicações para compor a redação da dissertação. No doutorado, espera-se a contribuição relevante à área, liberdade, independência e originalidade, mas também a habilidade de ser pesquisador. Também dialoga com Mialaret, reflete na tríplíce relação entre teoria/pesquisa/formação, numa dimensão de interação dialética. Partir das análises dos pesquisadores iniciais cuja direção está voltada ao universo pessoal de suas ações, para extrapolar a liberdade e criatividade na forma, na metodologia e na teoria, com a prática e a formação em pesquisa, que se inicia no mestrado e se estende ao doutorado. O debate que integra mestrandos e doutorandos é um exercício que propiciará a abertura a outras posições e experiências em pesquisa, com a integração de conhecimentos e a interação de pessoas num movimento que envolve elementos inseparáveis: a prática, a reflexão, a metodologia e a construção de teoria, que possibilita seu enriquecimento. Como desafio novo sugere a avaliação dos efeitos que essa nova forma de educar, provoca para novas questões e novos desafios voltados à integração mestrado/doutorado. Em "Analisando e avaliando algumas práticas já exercidas", a autora reflete sobre a integração mestrado/doutorado em três sentidos: por meio da prática da pesquisa, da produção escrita e da socialização desses estudos nas redes de ensino. Recorda uma experiência (1986), com Marli André, quando desenvolveram um projeto, ao criar um grupo de pesquisas composto por alunos da graduação, do mestrado e do doutorado em duas instituições. Considera que o trabalho exigido das coordenadoras foi imenso, mas muito produtivo o que a incentivou a investir nesse caminho. Com base na produção escrita tem longa experiência. Apresenta cinco coletâneas produzidas com alunos, tanto da graduação como com mestrandos e doutorandos. Evidencia o exercício da solidariedade na escrita compartilhada. A participação dos doutorandos manteve a

integração num patamar superior às expectativas e exigências pretendidas. Busca exercitar a socialização coletiva, ou seja, preparar mestrados e doutorandos para a socialização e a troca de saberes. Também cita exemplos da sua experiência que teve início em 1990 e já apresenta trabalhos desenvolvidos em Blumenau, Uberlândia, Itajaí, Jaraguá do Sul e Porto Velho. Revê movimentos do grupo com diversidade de aprendizagens: tanto para o contato com a rede pública num tempo determinado, quanto para a publicação e ainda para promover a discussão, a socialização e a reconstrução do conhecimento. Conclui que na integração mestrado/doutorado é impossível estabelecer uma diferenciação de nível, devido à intensidade das trocas. Faz somente uma distinção de tempo, pois os doutorandos permanecem mais tempo no grupo de estudos que os mestrados. Sobre a consolidação dos cursos de pós-graduação em Educação: condições epistemológicas, políticas e institucionais, Antônio Joaquim Severino adverte que construir conhecimento em educação se faz, com base numa sólida plataforma epistemológica, para que a prática educacional tenha consistência e fecundidade. Essa prática /teoria hoje só se legitima como mediação entre o homem e a sua existência, com a intencionalidade de garantir a dignidade da pessoa humana. Devido ao contexto da sociedade histórica em que as pessoas humanas estão inseridas, os compromissos éticos com a educação são intrinsecamente compromissos políticos e a educação deve ser entendida como prática de intervenção social. Contemplar as práticas de trabalho, de vida social e de cultura, expressar-se como compromisso de construção da cidadania. O saber aparece como instrumento para o fazer técnico-produtivo; como mediação do poder, presentes nas intrincadas relações sociais e como ferramenta da própria criação de símbolos, três dimensões que se complementam e se implicam mutuamente, através de um processo de intencionalização. É através da intencionalização que a atividade técnica deixa de ser mecânica e passa a ser vivida em uma perspectiva de projetividade, redireciona o seu sentido, a atividade política se ideologiza e a atividade cultural diversifica os sentidos das coisas para além da imediatez. Esse processo de humanização em que se constitui a educação não se dá automaticamente. Para que se efetive em suas condições objetivas é preciso um investimento na construção das mediações necessárias e consolidar forças construtivas dessas mediações. Ao falar em cidadania, projeta-se uma condição existencial marcada pela qualidade da vida, entendida como acesso aos bens naturais produzidos pelo trabalho, aos bens políticos decorrentes da sociabilidade e dos bens simbólicos presentes na cultura. Ser plenamente humano, no momento histórico da atualidade é ser cidadão. Um programa de pós-graduação que se constitui num lugar de formação, tanto inicial quanto de aprimoramento profissional para a docência do nível superior, tem como compromisso o campo geral do conhecimento que se envolve com a Educação, desde a pré-escola à universidade, envolve-se com a prática pedagógica. Para tanto, deve ser consolidada a pesquisa nesse universo, através de um criterioso processo de construção do conhecimento. O autor destaca a organização dos programas de mestrado em educação em linhas de pesquisa a serem desenvolvidas coletivamente. Deve envolver tanto alunos como professores, com vários pesquisadores cujos interesses permitam a atividade conjunta, integrada e convergente a um eixo temático. A relação sujeito/objeto pode seguir as tradições: positivista, subjetivista e dialética para criar o conhecimento verdadeiro, de acordo com a concepção de homem, de sociedade e de educação. As demandas institucionais estão vinculadas a todo o projeto do programa para dar-lhe o suporte necessário, desde as necessidades para a constituição dos sujeitos coletivos citados, quanto à publicação da produção científica.

Para responder à problemática: Que profissional formar? Questão desafiadora para a Universidade, Melania Moroz volta seu olhar para o mestrado profissionalizante e argumenta que lhe parece ser ilusória a idéia de que esse mestrado, ao incorporar a noção de flexibilidade ao modelo "tradicional", possa resolver o conjunto de problemas apresentados, definidos por Gazolla (1996): níveis diferenciados de qualidade, carência de pesquisadores em certas áreas ou com formação interdisciplinar, falta de clareza dos objetivos dos níveis e do exame de qualificação, tempo de titulação, excesso de orientandos e alta evasão, número excessivo de créditos e necessidade de proficiência em língua estrangeira. A autora elabora uma retrospectiva histórico-política da Universidade Brasileira, que teve início no século XX, portanto, recente no cenário educacional e que apresenta características autoritárias de gestão, com decisões arbitrárias, que buscam fortalecer o veio profissionalizante. Cita Warde (1999) e afirma que converteram em universidades, instituições que não parecem indicar interesse pelo implemento de conhecimento e de pesquisa. A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a tendência foi invertida, favoreceu a privatização por meio de subsídios públicos. Ao apresentar o veio da profissionalização, sua preocupação maior é a veiculação do conhecimento, não a sua produção. Significa limitar-se à reprodução do conhecimento,

formar assim um profissional que segue modelos ou estratégias definidas. Observa que o que nos define como intelectuais não é a certeza da explicação, mas a recorrência à dúvida, cuja força é um recurso para a reflexão sobre a realidade para propor alternativas de atuação.

Indica a necessidade de questionar antes de tomar decisões, ter clareza sobre qual o tipo de profissional que queremos formar e quais as ações que se espera dele. Para tratar sobre a relação ensino-pesquisa: a formação do pesquisador em educação, Lucila Schwantes Arouca afirma que ensino é um amplo movimento de vida entre o educador e o educando, um exercício reflexivo de praticar a vida que envolve participação de ambos, num processo construtivo do conhecimento. A pesquisa no ensino universitário tem seu significado na forma de produção de textos e a coleta de dados, visa à dissertação do mestrado em vista à tese de doutorado. Exige participação e questionamento a fim de construir o objeto científico. Trata de questões não respondidas nascidas da prática e da reflexão sobre ela.

O fundamento necessário para o processo de construção do conhecimento é o movimento do objeto para o sujeito e do sujeito para o objeto para apoderar-se do contexto da pesquisa. A contradição dialética busca interpretar o real e captar como resultado, uma inadequação entre o que é e o que ainda não é, numa síntese contraditória, na relação do que há de comum a todos os fenômenos e o que há de específico em cada um deles. Na graduação, a formação é pluralista e eclética, a formação do pesquisador vai ocorrer mais profundamente na pós-graduação. O desafio a ser ultrapassado é produzir conhecimento singular, inovador, criativo e produtivo, conhecimento com qualidade política. Sintetiza a autora que pesquisa é a atitude cotidiana de aprender a aprender, do saber pensar para melhor agir. A educação é um processo permanente; pesquisa é uma atitude que deve ser cotidiana. O papel do professor-orientador-pesquisador pressupõe compromissos, desafios e visar a excelente qualidade da formação de professores pesquisadores.

Vitória Helena Cunha Espósito contribui nessa temática com suas reflexões sobre Pesquisando. A crise na educação, o pesquisador, saberes, tempos e espaços. Como pano de fundo aborda as questões relativas à concepção empirista de ciência, de natureza racionalista e idealista, que se utiliza de processos de pensamento lógico-dedutivo para a explicitação do mundo e de seus reflexos nas questões educacionais, na ordenação disciplinar do currículo escolar, na ênfase reprodutivista do ensino. Formamo-nos sem questionamentos sobre esses conhecimentos e ordenações. Reflete sobre a liberdade com o sentido apreendido por Merleau-Ponty (1994), que trata do homem na sua existencialidade, da vida humana.

O homem no exercício da sua condição humana (um ser fadado à liberdade, como diria Paulo Freire), precisa assumir-se como tal diante do mundo. É um ser de afetividade, gera crises que o envolvem e o atingem. É preciso considerar todos esses elementos constitutivos do mundo humano perante a tradição ocidental, para situar-se no tempo e no espaço. Solicita-se do pesquisador capacidade de julgamento, de saber ler e interrogar, ter como base a correspondência entre a "generalidade da prática humana (teoria) e a capacidade de escolha que dela advém (o prático)". Este é o lado hermenêutico da investigação. Através das pesquisas que orientou apreendeu que o saber desdobra-se na existência em saber ser, fazer e conhecer, qualifica como tensa a relação entre ser e fazer. Na elaboração do Projeto Pedagógico é preciso fundamentar as concepções de homem e de mundo para discriminar as competências, ações e atitudes próprias de saber, fazer e ser. A pesquisa emerge como possibilidade de elo entre teoria e prática e superação das fragmentações, possibilidade de abertura de um campo de trabalho, onde o professor-aluno se veja como agente de sua formação. Pode nos auxiliar na busca das raízes epistemológicas, gnosiológicas e ontológicas que fundamentam o conhecimento, para refletir e recriar, como cidadãos do nosso tempo.

Saberes e procederes escolares: o singular, o parcial, o universal é o texto de Alípio Casali que percebe a indissociabilidade epistemológica e ética entre esses três âmbitos. A universalidade é a principal e mais antiga razão de ser da educação, tanto em relação à sua origem como ao seu destino. Atualmente encontra-se presente na globalização do mercado com justificativas aos empreendimentos educacionais. Sua máscara ideológica encobriu interesses particulares, impérios, conquistas, colonizadores, genocídios, violências institucionais, mas não aparecem claramente nas formulações dos ideais políticos ou pedagógicos. A posição pedagógica universalista na atualidade apresenta uma pretensão ética, representada pela "universalidade do direito", identifica ser a educação o único meio de equalização real das oportunidades num ambiente de mercado competitivo e diferenciador.

O projeto da modernidade também teve como fundamento a subjetividade relacionada à

autonomia do “espírito humano” (contra o espírito divino medieval) que se converteu em ideal de autonomia do indivíduo. Iniciou com a autonomia de trabalho e prolongou-se no ideal da autonomia cognitiva e moral de cada singularidade individual. É um processo em andamento explicado pela necessidade de sobrevivência da modernidade que se desdobra. No plano teórico as contribuições da psicanálise e da fenomenologia; no plano prático, as desastrosas experiências de totalitarismos políticos do século XX. O “retorno ao sujeito” surge como uma área de escape no desejo de liberdade humana ou recuo a uma interioridade que precederá um novo movimento de exteriorização. No lugar de conteúdos e comportamentos prefixados, as possibilidades individuais orientam os trabalhos pedagógicos. A pedagogia também sofreu deslocamentos para um espaço intermediário onde a singularidade e a universalidade se unem: o âmbito da cultura e do institucional. O lugar da educação passa a ser o grupal, o setorial, o parcial, o coletivo, o multicultural. O autor considera a dialética e a complexidade como o único método que nos permite considerar “cada escola como legítimo lugar de produção de políticas, de formação continuada de professores e de produção de pedagogia”. É a fase epistemológica da questão. A fase ética aparece como reflexão crítica sobre a moralidade. Falar de ética é falar de convivência humana e o seu princípio fundamental é o outro que, como eu, tem direito à vida e à liberdade. Na atualidade a educação é moral (particular) e é ética (universal). Como moral é um movimento de conservação cultural, como ética é uma possibilidade de impulso à transformação. Para Casali, somente as mediações culturais (particularidades) são utilizadas pela escola para cumprir sua função social. Não têm sido contempladas as determinações epistemológicas e éticas (universalidades), nem as determinações culturais e morais (parcialidades) e determinações individuais (singularidades).

Para o autor é indispensável que se criem oportunidades e mecanismos sistemáticos para novas demandas e novos projetos no sistema instituído. Projeto de apropriação do mundo concreto que se constrói em intersubjetividade, aberto à realização das demandas e direitos. Elsa Garrido, no texto Por uma nova cultura escolar: o papel mediador do professor entre a cultura do aluno e o conhecimento elaborado, ressalta que esse caminho se inicia com as representações do aluno, seguido de espaços de diálogo e de reflexão para a compreensão da própria atividade cognitiva para poder aperfeiçoá-la. Além desse, apresenta outro desafio para a mediação do professor que é colocar a cultura elaborada em diálogo e confronto com a cultura dos meios de comunicação, para o saber escolar ganhar funcionalidade e relevância.

Esses referenciais desafiadores nortearam a formação de professores em um projeto de 1995 a 1997, com a participação de 105 licenciandos do terceiro ano. Tece alguns questionamentos feitos nesse trabalho: Como a ficção, reino da fantasia e dos desejos, poderia ser fator de desenvolvimento cognitivo? Como o universo massificante dos meios de comunicação poderia ser usado para promover a consciência crítica, o pensamento autônomo e atitudes de emancipação? Revela que o papel mediador do professor pode contribuir significativamente para essa aprendizagem, mas requer habilidades: de criar na sala clima de busca e de respeito mútuo, de estimular a expressão do aluno, colocar questões instigadoras que estimulem o reexame de idéias, avaliar o debate. Foram feitas várias revelações às professoras sobre seus alunos através do universo simbólico da ficção, ofereceu-lhes uma dimensão significativa do universo das crianças e a importância da escola em suas vidas, permitiu-lhes rever sua postura como profissional da educação. O trabalho teve ainda outra dimensão, ao solicitar que as licenciadas se distanciassem da experiência pedagógica vivida, para tomá-la como objeto de investigação, o que tornou o estágio um processo de auto-formação. Os projetos, para algumas delas, constituíram-se na primeira experiência de regência em sala de aula. Precisavam de continuidade. Para a autora, revelou-lhe novos desafios para repensar a formação inicial do professor. Leny Magalhães Mrech com seu texto Casa de ferreiro, espeto de pau: o campo da psicologia no ensino médio, tece considerações sobre a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio e a disciplina “Psicologia do Ensino Médio” que deixou de fazer parte da grade curricular. A problemática que tem afetado a autora, refere-se ao fato de ser difícil encontrar materiais referentes ao trabalho de professor de psicologia do ensino médio, além desse desinteresse por parte da categoria e do Estado sobre os conteúdos de ensino da psicologia.

Atenta à história do pensamento psicológico brasileiro enuncia os subperíodos que a constitui e a fase em que o pensamento psicológico se estruturou, em termos de um saber científico. Desde o aparecimento da LDB está havendo uma redução do número de professores de psicologia no ensino médio, eles se encontram subsumido ao psicólogo escolar ou ao psicólogo clínico. No imaginário escolar há cruzamento do papel do professor de psicologia e o do psicólogo escolar ou clínico. Nesse meio o psicólogo não considerou a importância da

educação em seu próprio processo de formação. A autora conclui que se faz necessário uma abertura para a implantação da transdisciplinaridade dentro da ciência da educação, um processo que possibilite ao psicólogo que atua como educador, se afastar de uma forma onipotente de ensinar, precisa também aprender e estudar, a pesquisar e a ser sujeito. Tereza de Jesus Ferreira Scheide, no seu texto sobre a História da matemática e a construção dos conceitos, tece considerações sobre o caráter de interdisciplinaridade que essa relação contém e que deve estar presente nos currículos escolares, ao mesmo tempo salienta que não há consenso entre os educadores sobre a forma de fazer esse trabalho. Baseia-se nos diversos encontros/eventos que participa, promovidos pela Sociedade Brasileira de Educação Matemática (Sbem). Apresenta-nos uma seleção de estudos que confirmam o enunciado, construído em parceria com teóricos do “método histórico”. Apresenta uma somatória de elementos influentes nesse processo de ensino e aprendizagem, acrescenta que a forma linear não possibilita a construção do conhecimento como um todo, o que torna necessário estabelecer analogias com os conhecimentos adquiridos pelos diferentes povos em diferentes momentos históricos. Os resultados das mobilizações feitas em face a questionamentos, por meio da análise e da reflexão, revela ser a matemática uma ciência viva, em constante modificação e reconstrução, o que representa um valor pedagógico inestimável do conhecimento humano, vinculado à prática social. Ao focarmos a sua origem e desenvolvimento, trabalhamos através de uma abordagem historiográfica..

Com autores, dentre os quais referenda Ubiratan DAmbrózio (1986), Marcelo C. Borba (1987) e Eduardo S. Ferreira (1991), no Brasil, tomou evidência a abordagem historiográfica mais ampla, que procura valorizar o saber popular do aluno e a sua capacidade de produzir saberes sobre a realidade, denominada etnomatemática. Tem como foco o sistema escolar com destaque à função libertadora da escola, como a mais importante, conforme a proposta pedagógica de Paulo Freire (1992). Atualmente os Parâmetros Curriculares Nacionais refletem a concepção da matemática como um instrumento de leitura e compreensão do mundo, mas segundo a autora, para ser efetivada na sala de aula necessita de investimento na formação de professores de matemática, que inclua um conhecimento profundo do aluno e do cotidiano em que vive, com a finalidade de prepará-lo para a cidadania. Propõe ainda ampla reestruturação curricular das licenciaturas, com a inclusão da análise histórica, sociológica e política de desenvolvimento da matemática, para que adquira uma visão mais contextualizada dos problemas específicos dessa área. Através dessa coletânea de textos, os autores contribuem com reflexões teóricas sobre suas experiências práticas e/ou resultados de suas pesquisas. Referendam a produção do conhecimento na pós-graduação em educação, do estado de São Paulo. Movimentam-se. Produzem conhecimento que inclui a perspectiva político-social nas temáticas, fazem denúncias, ao mesmo tempo em que anunciam ações que possam superá-las. Criam um lócus participativo de docentes e discentes que é alimentado pelo trabalho compartilhado de outras tantas mãos envolvidas nesse contexto. Edificam, com o processo vivo de construção do conhecimento, uma instância de formação permanente numa perspectiva complexa, de formação de cidadania.

Resenha produzida por Luiza Percevallis Pereira